

**“Um folhetim é uma coisa ligeira, vaporosa, saltitante”:
as representações dos folhetins nos periódicos
teresinenses (1871-1903)**

***“A serial is a slight, vaporous, jumping thing”:
representation of the serials on teresinenses
journals (1871-1903)***

Wellington dos Santos Pereira

Mestrando em História do Brasil no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Especialista em Estados, Movimentos Sociais e Cultura (UESPI) e em História do Brasil (UFPI), Professor da SEDUC-PI

Pedro Pio Fontineles Filho

Professor da Universidade Estadual do Piauí, Campus Clóvis Moura (UESPI), Professor efetivo do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional de História (Profhistória-PI), Colaborador do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil (UFPI). Doutor em História Social (UFC), Mestre em História do Brasil (UFPI)

Resumo: A constituição da Literatura, entre o final do século XIX e início do século XX, perpassa, em grande medida, pela imprensa como meio de divulgação e como lugar de demarcação de poder. Ao pesquisar a imprensa periódica teresinense nesse período, é possível encontrar uma modalidade ficcional surgida na França a partir de 1836, denominada folhetim. O referido espaço que, *a priori*, encontrava-se no rodapé do jornal ou o rés-do-chão, como popularmente ficou conhecido, ganhou notoriedade com a publicação de romances. Contudo, restringir a produção folhetinesca a esse gênero seria cometer o equívoco de escamotear seu caráter múltiplo. Por meio do levantamento documental, foi possível perceber que o folhetim também era o espaço das crônicas, poesias, como também das produções de viés

Abstract: The constitution of Literature, between the end of the 19th and the beginning of the 20th century, permeates, to a large extent, the press as a means of dissemination and as a place of demarcation of power. When researching Teresina's periodical press in this period, it is possible to find a fictional modality that emerged in France after 1836 called serials. This space which, *a priori*, was found at the footer of the newspaper (or *rez-de-chaussée*, as it was popularly known), gained notoriety with the publication of novels. However, restricting serial production to this genre alone would represent the mistake of concealing its multiple characters. In the documentary survey, it was possible to notice that the serial was not only the space for chronicles and poetry, but also for productions with a political bias. In this sense, the

político. Nesse sentido, o presente texto objetiva compreender esses múltiplos usos e imagens do espaço tipográfico nos periódicos teresinenses de 1871 a 1903. O foco em analisar as referidas produções nesse período encontra justificativa em perceber que nesse intervalo encontramos uma maior regularidade dessas publicações nos jornais teresinenses. Metodologicamente, foram analisados 15 folhetins quanto ao conteúdo e forma, nos ajudando a entender como eles significam e são significados. As discussões foram iluminadas à luz da ideia de representação proposta por Chartier (1989); das problematizações em torno dos folhetins, propostas por Meyer (1996), Nadaf (2002) e Trizotte (2016); Queffélec (2011), bem como dos debates feitos por Cândido (2000) e Lima (2006) acerca da relação entre História, Literatura e Sociedade.

Palavras-chave: História. Imprensa. Literatura. Folhetim.

present study aims to understand these multiple uses and images of the typographic space in Teresina's periodicals from 1871 to 1903. The focus on analyzing the aforementioned productions is justified in realizing that in this period we find a more expressive regularity of these publications in Teresina's newspapers. In the methodology, 15 serials were analyzed in terms of content and form, helping us to understand how they mean and are meant. The discussions were based on the idea of representation proposed by Chartier (1989); the questionings around the serials, proposed by Meyer (1996), Nadaf (2002) and Trizotte (2016); Queffélec (2011), as well as the debates made by Cândido (2000) and Lima (2006) about the relationship between History, Literature, and Society.

Keywords: History. Press. Literature. Serials.

Introdução

Publicado no jornal teresinense *A Imprensa*, em 1885, o folhetim *Notas a Esmo* apresenta a imagem do folhetim como “uma coisa ligeira, vaporosa, saltitante” (“Notas a Esmo”, *A Imprensa*, 1885). Em *O Folhetinista*, folhetim publicado no periódico carioca *O Espelho*, em 1859, Machado de Assis afirma que o folhetinista “é a fusão admirável entre o útil e o fútil, o parto curioso e singular do sério consorciado com o frívolo”. Machado de Assis ainda destaca que a fusão de “elementos heterogêneos casam-se perfeitamente na organização do novo animal” (ASSIS, 2013: 43).

As representações acerca do suporte, evidenciadas pelos dois folhetins acima, convergem no sentido de revelar que uma das grandes marcas dessa modalidade ficcional que emergiu na França, a partir do final do século XVIII, aportando no Brasil na primeira metade do século XIX, estaria na sua dinamicidade. Nesse sentido, qualquer tentativa de enquadrar em uma caixinha explicativa inviabilizaria nossos esforços. Isso porque grande parte das pesquisas que tomam o folhetim como objeto de estudo caminham no sentido de evidenciar as produções folhetinescas apenas por meio de uma das suas faces, o romance, popularmente conhecido como romance-folhetim. Em larga medida, a presente cristalização referente ao primeiro gênero deve-se ao fato dele ter possibilitado maior notoriedade ao suporte.

Segundo Meyer (1996), foi a partir da década de 1840 que o romance passa a constituir

o folhetim. Com Alexandre Dumas e Eugene Sue, a fórmula “vai se transformar numa receita de cozinha reproduzida por uma centena de autores” (MEYER, 1996: 63). Dumas, por meio de seus romances feitos sobre encomenda, consegue o feito de possibilitar ao periódico *Le Siecle* alcançar “cinco mil assinantes” (MEYER, 1996: 61). Entretanto, a pesquisadora adverte que os folhetins não podem ser analisados como um “bloco uniformemente homogêneo”, reforçando a ideia de dinamicidade citada anteriormente. Nadaf (2002), ao problematizar a produção folhetinesca mato-grossense entre o final do século XIX e início do século XX, reconhece seu caráter miscelânico, evidenciando o cunho de variedades do suporte. Patrícia Trizotti (2016) amadurece as discussões sobre os folhetins, analisando-os do ponto de vista do espaço tipográfico com o intuito de evidenciar as variedades encontradas nos periódicos paulistas *O Estadão* e *O Comercial*. Nesse ponto, a historiadora parece corroborar as ideias propostas por Dumasy-Queffelec (2011), que analisa a fórmula à luz da concepção do espaço. Para a autora:

Enfim, é preciso assinalar que o espaço do folhetim é, muitas vezes, contrariamente a uma oposição que nós seríamos tentados a fazer entre o livro e jornal, um lugar de pré-publicação e não apenas para romance; várias críticas teatrais, literárias, musicais, palestras, relatos ou anedotas publicadas são retomadas depois em volumes por seus autores [as obras críticas de Sainte-beuve, Guatier ou Barbey d’Aubeville, para não citar apenas elas, vem em sua maioria do folhetim] (DUMASY-QUEFFELÉC, 2011: 927-928).¹

As referidas leituras sobre como o folhetim vem sendo elucidado por meio das pesquisas acadêmicas são de suma importância para nossos objetivos, uma vez que o levantamento documental realizado nos periódicos teresinenses de 1871 a 1903 mostra essa miscelânea de usos e significados. Por meio da pesquisa empírica, ficou evidente que a presença dos folhetins nos jornais da capital piauiense é anterior ao ano de 1871. Encontramos sua presença já em 1862, com a publicação destes no periódico *Liga e Progresso*². A escolha em focar nossa análise entre o período já citado encontra respaldo no fato de perceber que entre o intervalo proposto como foco da pesquisa, o que nos motivou a feitura da presente produção, há uma maior regularidade de publicações no rés-do-chão no jornal a partir desse período.

A Publicação dos folhetins nos periódicos teresinenses comprovou que o espaço tipográfico não era lugar apenas do romance, como também das crônicas, de produções de viés político e da poesia. A análise das fontes demonstrou que a riqueza de produções que iam ao encontro do rodapé dos jornais possibilitou entendermos que o suporte apresenta múltiplos significados. Entender essas representações é objetivo central desse artigo. Para tanto, iluminaremos essa discussão por meio do conceito de representação proposto por Roger Chartier (1990). Por

1. “Enfin, il faut signaler que l’espace du feuillet est souvent, contrairement à une opposition que l’on serait tenté de faire entre livre et journal, un lieu de prépublication, et pass seulement pour le roman: nombre de critiques théâtrales, littéraires, de causeries, de récts ou d’anecdotes qui y sont publiés sont repris ensuite em volumes par leurs auteurs (les ouvrages critiques de Saint-Beuve, Gautier ou Barbey d’Aureville, pour ne citer qu’eux, sont issus pour la plupart du feuilleton).

2. Periódico de viés político, fundado por Deolindo Mendes da Silva Moura, tendo como redator Davi Moreira Caldas.

representação o autor entende “que há uma relação entre uma imagem presente e um objeto ausente” (1990:17). Nos rastros de compreender a construção dessas imagens, é que será possível exercitarmos o processo de historicizar a produção folhetinesca nos periódicos teresinenses a fim de analisar sua experiência histórica e, assim, perceber como o suporte é testemunho ao tempo que também constrói uma dada realidade. A primeira categoria proposta por Antônio Cândido, em *Literatura e Sociedade*, é “relacionar a literatura com as condições sociais” (2000: 18). Tal categorização será de grande valia para a presente investigação, uma vez que reforçará a compreensão de como os folhetins eram percebidos.

E como captar tais representações? Como será possível evidenciar tais imagens e significados? Isso será possível por meio da análise da própria produção folhetinesca publicada nos jornais teresinenses, como também através de algumas notícias presentes nesses impressos onde o termo folhetim figura. Ou seja, é por meio do folhetim em seu aspecto de conteúdo, o que se publicava, a temática, e através da investigação do significado do próprio termo, é que pretendemos alcançar os objetivos que nos levou à feitura do presente texto.

Para contemplar os objetivos propostos seguiremos alguns itinerários. Primeiramente, analisaremos como as crônicas e relatos de viagem ajudavam a constituir essas produções folhetinescas. Posteriormente, problematizaremos a relação entre as práticas de leituras, o espaço feminino e os textos de caráter político encontrados no rodapé do jornal. Por fim, analisaremos a materialidade da rubrica levando em consideração as condições sociais em que possivelmente contribuíram na publicação de textos no espaço tipográfico em questão.

Miscelâneas e variedades: usos, imagens e representações dos folhetins

No periódico *Oitenta e Nove*³, de 1874, por meio de uma transcrição do periódico baiano *Diário da Bahia*, noticia-se o leilão do Cruzeiro do Sul, vapor nacional. Na ocasião, para além de informar a venda da embarcação, o autor ressalta a publicação dos relatos de viagem no vapor ao convidar o leitor a rever tais impressões no folhetim, publicado em “15 de novembro do ano passado” (*Oitenta e nove*, 1874: 03). Por certo, o folhetim em questão trata-se de uma crônica folhetinesca. Relatar assuntos do cotidiano encontrava no espaço do rodapé do jornal lugar de visibilidade. Para Cândido, o gênero em questão “antes de ser crônica propriamente dita foi folhetim” (CÂNDIDO, 1992: 15), elemento bastante presente quando se trata da produção folhetinesca no Brasil. Nadaf realça a ideia anterior, ao destacar que a crônica desfrutou “de uma popularidade em pé de igualdade com a ficção nacional e estrangeira que se imprimia no espaço de referência” (NADAF, 2002: 60).

Informar atribuindo características literárias à narrativa por meio do folhetim nos fez perceber que o espaço tipográfico também poderia significar notícia. No folhetim intitulado

3. Periódico de Propriedade e redação de Davi Moreira Caldas. Surgiu em substituição ao jornal “O Amigo do Povo”. Atuou como deputado provincial, professor e jornalista. Politicamente se alinhou ao partido liberal sendo que no final do século XIX observável sua adesão ao republicanismo.

Revista da Semana, publicado em 1862, o autor revela que “o folhetim é alma do jornalismo”, ao revelar que questões graves e informações que necessitam de desenvolvimento encontram no suporte espaço de visibilidade. É de fato a fusão entre o “o útil e o fútil”, como bem observou Machado de Assis (2013), informando que é possível retratar variadas temáticas desde romances, passando por assuntos cotidianos, que poderiam ser abordados de modo jocoso, sério, a assuntos políticos.

Para além dos textos que nos permitem significar o folhetim como notícia, é possível encontrar nos periódicos teresinenses a publicação de crônicas no rodapé do jornal. Para Ramos, “a crônica é, então, o cotidiano reconstruído, é um grande comentário imediato feito pelo cronista, através do qual este interpreta e participa a realidade” (RAMOS, 2016: 15). Publicado em 1886, o folhetim *Atravez do mês Mariano*, no periódico a *Imprensa*, nos oferece a oportunidade de perceber como Teresina era significada. O título versa sobre uma festa religiosa, os festejos de Nossa Senhora do Amparo, Castor e Polux, autores do referido folhetim, possivelmente pseudônimos, utilizam as lentes da modernização para ler a cidade.

Abril foi chuvarento, [...] quase insuportável. Em casa a humildade peculiar aos *rés-de-chaussé*, incomoda e é muitas vezes doentia; nas ruas – a lama, as poças d’águas e como complemento de tudo isto, uma surdina de gotas de chuva açoabando os telhados e vidraças, apenas interrompida, de quando em por alguns aguadíssimos de origem elétrica. Depois a grande orquestra que enfrenta no século dezenove o mesmo que executava no em que teve o cristianismo seu berço (POLLUX E CASTOR. *A Imprensa*, Teresina, 15 maio 1886: 01).

Ler e imprimir um olhar modernizador por meio da escrita é um elemento bastante presente entre a produção folhetinesca do período retratado. Aqui, a escrita apresenta uma funcionalidade – a de servir como arma de combate no sentido de reivindicar mudanças e padrões de caráter progressista, fazendo com que a arte exerça a função de mudança e denúncia social. Tanto em Sevckenko (2003), quanto em Ventura (1991), tais questões são problematizadas à luz dos literatos, como Euclides da Cunha e Lima Barreto, no caso do primeiro, e Araripe Júnior, no caso do segundo, evidenciando que a referida prática é um movimento presente em outras regiões do país.

Tal aspecto é também observável na produção teresinense. Muitos folhetins reivindicavam para si esse caráter de intervenção social. Se no folhetim *Luciano Irerê* (*O Semanário*, 1883: 01), Higino Cunha entende que os meios para se adquirir conhecimentos são as escolas, a imprensa, a tribuna, as bibliotecas, os colégios e as academias, há de se convir que a literatura também trouxesse tal aspecto em suas entrelinhas. Publicado em 1884, no periódico *O Semanário*, o folhetim *Notas à parte* (1884: 02) traz no seu enredo algumas considerações filosóficas acerca da sociedade. O personagem Álvaro, único da trama, jovem estudante do ensino superior, narra suas considerações sobre a mocidade e o mundo que o cerca. Para o personagem, cabe à mocidade a responsabilidade de conduzir o homem ao progresso. As informações encontradas no folhetim levam a crer que seu autor, que assinava Cetenheide, provavelmente um pseudônimo,

seja um estudante piauiense ingresso em uma das faculdades espalhadas pelo país, dadas as características apresentadas pelo personagem: jovem, acadêmico e imigrante. Vejamos como a literatura é utilizada e significada:

Tratando desse importantíssimo assunto – a instituição da mocidade, não posso e nem quero esquecer-me da tibieza que domina o espírito brasileiro, assim como a falta de disposição e gosto pelas letras, artes e ciências, com raríssimas exceções, principalmente em certas províncias do nosso país: eis o germe microbiano, o bacilo que aniquila a força vital de nossa educação e sociedade. [...] Nós, a mocidade, trazemos sectariadas idéias progressistas do século das luzes e filho do trabalho, temos um cérebro ardente, compreendemos maravilhosos acontecimentos, somos filhos da terra de Santa Cruz, berço de tantos heróis, aspiramos e abraçamos a santa causa da liberdade – o progresso e glória! Avante! Erguei e sustentai as artes, a ciência, a literatura pátria, do Amazonas ao Prata, aos Andes, aos céus, que a posteridade vos espera; ela ajoelhada sob vossos pés, um dia bendirá o vosso nome. Oh mocidade! Álvaro, já é tempo, desperta senhora mocidade, enquanto possuis as forças da juventude que elevam os esforços intelectuais [...] (CETENHEIDE. *O Semanário*, Teresina, dez. 1884: 02).

Avelino (2010) destaca que a referida instituição torna-se o centro de predileção dos piauienses entre as últimas décadas do século XIX em virtude desta constituir uma referência de instituição de ensino superior na área jurídica ao tempo que representava também uma relativa proximidade com o Piauí tendo em vista que outra faculdade se estabeleceu em São Paulo. Ao regressarem as suas cidades, os recém-bacharéis carregavam consigo as vivências que se desenvolveram no interior e no entorno da instituição. Ou seja, enquanto homens de ciências, esses sujeitos introduziam posturas e modelos até então desconhecidos no Brasil. Isso justifica, por exemplo, o estilo adotado por vários intelectuais em seus escritos. O desenvolvimento de uma escrita militante é resultado um processo de “subjetivação” de todo esse movimento desenvolvido em Recife sendo a produção intelectual piauiense da década de 80 influenciada, em grande medida, daquilo que a faculdade irradiava introduzindo vários bacharéis ao mundo da literatura.

Ainda sobre as crônicas folhetinescas, ressaltamos o folhetim *Viagem a colônia de S. Pedro Alcântara*, do jornal, *A Opinião Conservadora*⁴, publicado em 1874. Nele, podemos perceber um elemento presente na notícia sobre o leilão do Cruzeiro do Sul, noticiado no periódico *Oitenta e Nove*, em 1874, quando o autor da referida nota afirma já ter “saído em folhetim no dia 15 de outubro do ano anterior”, sugerindo que as impressões de viagem também encontravam nesse espaço tipográfico instrumento de visibilidade. O folhetim em questão é resultado de uma série publicada no jornal, mencionado em 40 partes. Não sabemos, por exemplo, se todas as referidas partes tratavam exatamente da expedição sobre a região de São Pedro de Alcântara, pois só tivemos acesso ao último número da série. Nela, podemos perceber que a expedição era retratada anteriormente na série e isso é observado quando o narrador faz referência ao que foi

4. Órgão do Partido Conservador (1874-1876). Jornal com espaço destinado a divulgação dos atos governamentais quando o referido grupo sobe ao poder.

abordado na publicação do dia 08 de agosto⁵. O enredo do presente folhetim tem como escopo central apresentar a excursão exploratória em torno daquela região. As impressões do autor vão ao encontro de uma análise descritiva no que se diz respeito à população local e paisagem que permeia as regiões vizinhas da colônia. No que tange a esse último aspecto, o autor enfatiza:

A 'vão de pássaro é um quadrilátero, cujo lado direito é formado pelo (rio) Canindé, o esquerdo pelo (rio) Mulato, o anterior pelo (rio) Parnaíba, e o posterior pelo ápice da eminência. A sua frente, do lado do Maranhão, está a prospera e comerciante vila de S. Francisco. Como se vê, Amarante se acaba comprimida como botão de uma rosa, por aquelas liquidas sépalas. (*A Opinião Conservadora*, set 1874: 01).

A narrativa em torno da chegada à colônia de São Pedro nos revela também as impressões do povo que ali habitava. A análise em torno do presente elemento evidencia uma leitura daquela população, permeado de um posicionamento que reflete os debates da intelectualidade da época, que giravam, em grande medida, em torno de aspectos como civilidade, ordenamento, discursos de caráter higienista, utilizando esses elementos como medida para reforçar a ideia de estranhamento para com os povos encontrados, contribuindo, portanto, na construção e enquadramento de um imaginário. Ou seja, é por meio da linguagem e das representações que se opera a referida categoria de análise (PESAVENTO, 1995: 15), uma vez que é apontada como “um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo coesão ou o conflito” (2012: s/n). Isso é evidente quando o cronista faz uso de adjetivos, como o termo *bizarro* ou quando propõe um “legado de semi selvageria” ao retratar as danças locais.

O bojo da serpente parnaybana tinha desaparecido. Navegamos em sua cauda desmesurada e gigante. Se perdeu elle em largura, ganhou em profundidade, por que dahi em diante suas margens conservarão a forma de taludes naturaes. A navegação era livre. Nossa viagem foi rápida, por que as 11 horas desse mesmo dia aportamos na a colonia de São Pedro de Alcantara. Multidão de fi-beiros e vaqueiros das fazendas visinhas estão estupefados nas ribanceiras dos rios admirando aquele monstro fumegante a sulcar as aguas correntes.

Soltamos em terra. Foi-nos servido em profundo almoço liberalmente administrado. A noite apreciamos um espectáculo interessante e singular – O banquete dos libertos. Danças bizarras e esquisitoriais ao som de uma compassiva viola – essa harpa dos nossos sertões. Ellas consistem no deslocamento dos membros, e tregeitos no corpo, posições significativas, sapateados infernais. É uma dança curiosa pelo seu cunho de antiguidade. Legação semiselvagem dos nossos primeiros colonos (*A Opinião Conservadora*, set 1874: 01).

O caráter descritivo retratado no relato de viagem aponta também para a temática do cotidiano. Essa matéria-prima de bastante uso como instrumento de inspiração entre autores nos direciona para a construção das crônicas que encontrava no espaço tipográfico lugar de

5. Em determinado momento do folhetim, o autor retoma aspectos da publicação de 08 de agosto. Isso é evidenciado quando o mesmo afirma “Era como disse, o dia 08 de agosto. Sobre a superficie brincavão as ondaas – aylphos aéreos -constelações do ideal” (Viagem a Colonia de S.Pedro de Alcantara. *A Opinião Conservadora*, Teresina. 11 de setembro de 1874. n. 41: 02).

visibilidade. A crônica que nasce em Paris aporta no Brasil e assim como na França “herda esse espaço e suas potencialidades” (1996: 62). O gênero passa a reivindicar um lugar de avaliação dos lugares, fatos, narrativas, ou seja, das múltiplas camadas que compõe o real e ajudam a construir uma realidade. Para Ramos, a importância da crônica reside em “ser o cotidiano reconstruído, [...] um grande comentário imediato feito pelo cronista, através do qual este interpreta e participa da realidade” (RAMOS, 2016: 15). Perceber o gênero pela possibilidade de entender como as experiências se constroem. Contudo, concorrem a estas outras imagens e usos naquilo que era publicado no rés-do-chão, fato que impossibilita a territorialização das referidas produções.

Entre o feminino, o político e a poesia: embates de representações

Ao anunciar a publicação do folhetim *Vinte Horas de Liteira*, de Camilo Castelo Branco, no periódico *A Pátria*, de 1871, o autor da nota reconhece “o direito que tem elas a algumas colunas desta folha” (FOLHETIM. Teresina. 11 fev. 1871: 03), é possível perceber que a nota deixa em evidência que a produção folhetinesca era um lugar destinado ao público feminino. Isso nos fez questionar em que medida tal representação se encaixava como modelo preponderante ao ponto de incorrer em cristalizações. Socorro Rio Magalhães, ao analisar o horizonte de leitura em Teresina nas primeiras décadas do século XX, corrobora a concepção presente no documento em questão. Para a autora, os folhetins serviam como um “estímulo para incrementar nas práticas de leituras entre o público feminino” (MAGALHÃES, 2016: 56). É fato que a instrução feminina que a pesquisadora aborda é parte de um movimento de redefinição de papéis sociais e, de modo mais específico, da reconfiguração dos papéis de gênero, à luz de uma ótica burguesa, a qual a elite brasileira atravessava. Para Castelo Branco (2005), essas novas redefinições sociais colocavam a mulher no papel de mãe, esposa, cuja esfera habitada seria essencialmente o privado. A liberdade feminina seria praticada de modo restrito. A instrução possibilitava que essas mulheres, leia-se de famílias abastadas, pudessem enveredar pelo magistério, ofício ligado à maternidade.

O folhetim *Luciano Irerê*, de Higino Cunha⁶, reflete de forma categórica essa funcionalidade. Ao tecer algumas considerações e críticas no que tange à precariedade da instrução feminina na cidade de Parnaíba, Higino Cunha acaba por legitimar o espaço feminino, de acordo com que foi analisado acima, o de uma mulher que deveria ser instruída, preparada para assumir seus papéis de mãe, esposa e soberana do lar. A significação folhetinesca como um espaço essencialmente feminino, reivindicado por seus produtores, faz parte de um conjunto de intenções de disciplinarização dos corpos femininos.

Meyer (1996), ao questionar o perfil do leitor dos folhetins, assevera que “em grande parte dos contos e romances saíam em pedaços em jornais destinados “as senhoras” e, obvia-

6. Atuou como redator de periódicos entre 1880 a 1930, tais como *A Imprensa*, *Democracia*, *gazeta do Comércio*, *A República*, *O Tempo*, *O Piauí*, *Correio de Teresina*, *Habeas-Corpus*, *Imprensa*.

mente às famílias que os autores tinham em mente” (MEYER, 1996: 126). Mais adiante a autora pontua que, com o passar do tempo, as produções folhetinescas tornaram-se cada vez menos femininos, sugerindo outra modalidade de produção folhetinescas, como os de caráter político. Tal aspecto é observável no rodapé dos periódicos teresinenses do recorte temporal analisado.

Publicações dessa natureza no espaço tipográfico devem-se, entre outros fatores, à própria ideia de escrita, de caráter de denúncia, de transformação, conforme já problematizado, como também à concepção de imprensa característica daquele período. As presentes discussões nos levaram a manejar a análise das fontes com certo cuidado no sentido de não cair em esquemas explicativos generalizantes, pois, como afirma Chartier (1990), os discursos e representações não podem ser vistos de forma neutra, uma vez que nelas ocorrem disputas no processo de construção e consolidação. Para Rêgo (2001), a imprensa piauiense era uma extensão dos debates de caráter político partidário no período em destaque. Observação também ressaltada por Morel (2015), quando este afirma que a atuação nos jornais se dava por meio da atuação de bacharéis dando a estes conotações panfletárias trazendo elementos como “capacidade de vencer e de atacar, espírito mordaz e crítico, linguagem literária, sátira requerendo ao mesmo tempo densidade doutrinária e ideológica, uma visão geral e definida” (MOREL, 2015: 37). É preciso destacar também que a imprensa no período estava a serviço dos partidos políticos que polarizavam o debate e desenhava a relação entre a imprensa e política (MARTINS, 2015: 58).

Essas querelas políticas se faziam presente e tinha no espaço folhetinesco *locus* de visibilidade. Em *Vozes do Povo*, publicado no periódico *O Semanário*, de 1883, o tom panfletário e de denúncia são elementos presentes como forma de denunciar os desmandos e autoritarismo presente na cidade de Oeiras, primeira capital piauiense, com as demissões dos suplentes de juiz municipal, sendo provocadas provavelmente, com a troca de partido à frente da máquina pública.

– Diz que vão ser demitidos todos os suplentes de juiz municipal, sem excetuar o famoso Chico Raimundo por já ser [...] rombudo, há de ser nomeada brava gente que entre nós edifique novo reino nunca d’antes destemido; gente de guerra, gente de fogo, de lama e lodo também, que não tenha um só rosto, nem uma só fé, que tudo possa ser, mas que de fato gente não é; gente que seja para o que der e vier como muito bem disse um certo cabano; gente que tome e nunca dê. ‘De quem vergonha é o natural reparo.’; – Gente que seja para tudo e para nada sirva – para o que der e vier enfim; gentsuimo-acabanada que jamais possa dizer: enfim; TOUT EST PERDU, FORS L’HOUNNER!’

-Diz que o comandante da escolta já confessara por aí haver cumprido ordem de espancamento contra Tuna; mas que Polux, garantia plenas, protestara jamais aceitar ser o Castor os favores de Júpiter olímpico; engo ambos hão de passar por entre Seylla e Caribidis, a irem formar no céu das unânimidades escandalosas uma nova constelação protetor de todos os devotos da tirania muambeira.

-Diz que a situação liberal é somente aonde houver liberais do que não é sem, e que se deixam engolir todos por qualquer bicho de guela larga e grande bojo; por isto aqui será tirânica, despótica e opressiva; por isto também os liberais daqui já vão tendo vergonha de ser liberais.

E a verdade é que Tuna foi espancado dentro do seu domicílio; a verdade e que por aí se fala de

uma próxima razoborra na suplência de juiz municipal; a verdade é que os defensores dos oprimidos são ameaçados pela consequência deste ato de caridade, e que o nome da primeira autoridade da província é invocado como talismã da infalível virtude em favor de todos os criminosos. Vozes do povo...

Mas é muito mais que isto se diz por aí;
Quem quiser vá, e quem não quiser não vá lá.

Z.

Oeiras, 8 de outubro de 1883.

(Z. *O Semanário*, Teresina, 15 set. 1883: 01).

Os jogos de poderes que constituem as disputas políticas entre liberais e conservadores é uma marca do final do século XIX. Emília Viotti (2010) ressalta que havia mais semelhanças do que divergências quanto à base ideológica de ambos os partidos. Contudo, as lutas políticas, ocorridas sobretudo nas últimas décadas do Império, configuravam-se no sentido de manter-se no poder. Daí a utilização de manobras políticas, como as fraudes eleitorais, para levar os grupos a manterem-se no poder ou regressar a esses. Nesse sentido, encontramos na narrativa de *Vozes do Povo* a presença de uma prática muito comum no que tange às estratégias utilizadas nessas disputas de poder, a demissão de funcionários ligados à oposição, bem como uso da violência, com o espancamento de Tuna, personagem da narrativa.

E o caráter panfletário e de ataque encontram espaço no folhetim *O Engole Espada* do periódico *O Latiquara*, publicado em 13 de setembro de 1889. No cerne da questão, o referido folhetim é uma crítica ao comportamento de Simplício Mendes⁷, não apenas este, mas todo o jornal parece ser produzido em torno de descaracterizar a figura do literato em questão.

Existe nessa cidade
- Do Palácio bem pertinho - - Um certo senhor
- Simplício
Que é danado o sujeitinho!
Sem nunca me fatigar,
Sempre ao seu jogo propício
Fiz durante muito tempo as delícias de Simplício
Mas, tendo pouco que dar
Ao grandíssimo patife,
-Elle , a pretexto d´ estudo
[...]
Si algum colega estranhava
O seu viver desregrado
Respondia-lhe o sacana:
<<Já´stou tão habituado!>>
Não houve tirá-lo disso
Simplício, pois regalou-se,
Deu por trancos e barrancos

7. Atuou como Professor, médico, como também foi Governador da Província do Piauí. Politicamente, era filiado ao Partido Conservador, onde permaneceu até sua morte, em 1892.

Até que afinal formou-se!
(O Engole Espada. *O Latiquara*. 1889. n.01: 02).

Do ponto de vista estrutural, o folhetim *Engole Espada* apresenta-se em forma de quadri-
nha⁸, evidenciando que os usos do espaço tipográfico iam além do lugar comum de significá-lo
apenas como um lugar da prosa. Lima (2006) destaca que “o conceito moderno de poesia tem
como seu complemento necessário a literatura” (LIMA, 2006: 331). Poderíamos afirmar que,
para além da literatura, a referida concepção do gênero encontra também nos folhetins espaço
de constituição. No periódico *O Telephone*, encontramos dois poemas intitulados *O Mimoso*,
ambos de 1889, cuja autoria é assinada por Anísio de Abreu⁹ e Leônidas e Sá¹⁰. Não sabemos
se o título em questão seria, na realidade, uma série folhetinesca aos moldes de uma antologia
poética, autores distintos imprimindo seu olhar a uma temática comum.

A temática do amor é o cerne de ambas as produções. O sentimento é retratado pela
perspectiva de uma musa, que seria o objeto de desejo e inspiração dos referidos poetas. Em
ambos, esses recursos surgem de modo implícito, aspectos como enaltecimento, a aproximação
do afeto à noção de sublime é visível nos poemas. Em *Mimoso*, escrito por Anísio, a ideia do
encantamento pode ser evidenciada através do seguinte trecho:

Dos fluídos dos teus olhares
Q’ desprendem-sem em desmaios
Como de um astro velado
Os terníssimos raios...

Hontem a noite, se acaso,
Amorosa m’os fitavas,
Quanta meiguice e carinho
No meu peito derramava!
(ABREU. *O Telephone*. 1889, p. 2).

No poema de Leônidas, a musa, objeto de desejo do poeta, lhe causa sensações que se
corporificam através de metáforas. O olhar da musa, ora tranquilo, ora sedutor, é comparado
ao de “um astro velado”. Do ponto de vista etimológico, termos como *luz* e *olhar* imprimem no
poema a ideia de transcendência, evidenciando um amor sublime. Tal sentimento, composto de
admiração e encantamento, assim como o poema de Anísio de Abreu, atravessa todo o poema:

8. São espécies de trovas simples, geralmente compostas por quatro versos, e são estruturadas
por meio de rimas imperfeitas. São consideradas expressões poéticas de caráter popular.

9. Anísio de Abreu se demarcou como intelectual por meio da escola de Recife, onde concluiu sua formação gra-
duando-se em Direito. Teve grande atuação na imprensa pernambucana como revisor do *Diário de Pernambuco* e
como colaborador do *Jornal de Recife*. No Piauí, foi redator do jornal *A Imprensa*. Atuou como promotor público
em na cidade de Parnaíba, localizada no litoral do estado. Atuou politicamente como deputado estadual, em 1892.

10. A atuação intelectual de Leônidas se deu sobretudo por meio do jornalismo, passando por jornais em diferentes
províncias do país, como *A Bruxa* no Rio de Janeiro, *O Comércio do Amazonas*, em Manaus. Obteve sua formação
superior na Escola de Recife, militando na campanha abolicionista na capital Pernambucana. Grande parte de sua
produção estava voltada para a poesia.

E vês, de tudo ressalta
A Luz do teu doce olhar,
Como a meiga estrela d'alva
De raios a tremular ...
[...]
E teu olhar tão tranquila
Calmoso como o rosais
As vezes também voeja
Como a aves nos casais
(SÀ, *O Telephone*. Teresina. 1888: 02).

É preciso ressaltar que os folhetins não era um único espaço de divulgação de poesias. No corpus dos periódicos do período é possível perceber sua publicação em outras partes dos jornais, o que nos fez questionar o fato de algumas delas serem publicadas no suporte. Isso nos levou a entender que o espaço folhetinesco constituía um espaço de visibilidade ao tempo que demarca também um lugar de poder. Discutir as condições sociais nos levará a entender como as imagens sobre a produção são construídas.

Folhetim: visibilidade e condições sociais

Ao discutir a relação entre Literatura e Sociedade, Antônio Cândido (2000) elucida a formação de seis categorias de análise¹¹. Aqui, nos interessa a primeira delas, que estabelece a investigação entre literatura e as condições sociais. A materialidade das produções literárias perpassa pelas condições sociais em que elas estavam inseridas. Nesse sentido, a disseminação do folhetim nos periódicos teresinenses pode ser vista como uma possibilidade de visibilidade as produções literárias. É preciso levar em consideração que a imprensa e a literatura se encontravam em uma profícua relação nos fins do século XIX e início do século XX. Tal aspecto se deve, em grande medida, ao próprio corpo editorial dos jornais do período, marcado pela presença de bacharéis que estavam a serviço da imprensa, conforme evidencia Queiroz (2011). Estes, por sua vez, exerciam múltiplos papéis sociais que iam de redatores, professores, passando à categoria de homens de letras. Muitos desses literatos ganhavam projeção por meio das publicações folhetinescas. Literatos como Machado de Assis e José de Alencar, por exemplo, publicavam contos, romances, que, quando percebido o grande alcance, publicavam em forma de livro.

Do outro lado, literatos que não conseguiam acesso às redes de sociabilidade literária faziam uso do folhetim como estratégia de ter a possibilidade de sua produção ganhar projeção.

11. As seis categorias de análise sobre a relação entre a Literatura e Sociedade, de Antônio Cândido, podem ser resumidas do seguinte modo: Primeiro, relacionar o conjunto da literatura com as condições sociais. Segundo, quanto às obras representam sua sociedade. Terceiro, no que tange à relação entre a obra e o público. Quarto, quanto à função social do escritor. Quinto, quanto às funções políticas das obras e dos autores. Sexto, quanto à investigação hipotética das origens, seja da literatura em geral, ou de determinados gêneros.

Schwarcz (2017) corrobora a ideia acima na parte em que analisa a produção folhetinesca de Lima Barreto.

Já a possibilidade de lançar um livro sem fazer parte desse círculo seletivo era toda restrita, uma vez que as poucas editoras que haviam se concentravam usualmente em torno de nomes consagrados. Logo, a maneira mais fácil de apresentar uma obra ganhar evidência era por meio dos jornais, que publicavam romances em capítulos e na forma de folhetins (SCHWARCZ, 2017: 189).

Em que pese a publicação de livros na capital piauiense no período, Queiroz (2011) destaca as dificuldades em publicá-los. A autora destaca que o pequeno número de tipografia impedia uma maior produção de livros em Teresina. Nesse sentido, a produção de livros encontrava dois caminhos: primeiro, a publicação de livros em outras províncias, como no Rio de Janeiro, que só se tornava visível por meio de apadrinhamento de algum literato, além de ser bastante oneroso; segundo, as publicações por meio do formato na cidade eram bastantes **tímidas** no período, tendo em vista que essa possibilidade se dava pelas tipografias dos jornais, como o periódico *O Piauí* e o *Estado*, que, em sua maioria, dispunha “de má qualidade nas edições” (QUEIROZ, 2011: 170).

As condições elencadas acima reforçam, em tese, a viabilidade das produções folhetinescas no período estudado. Para além de configurar como um exercício de erudição, a participação desses homens de letras na imprensa demarcava um lugar de poder. Conforme já elucidado, a atuação por meio da imprensa e, conseqüentemente, no processo de construção dos folhetins denotam a intenção desse literatos em reivindicar através dos seus escritos uma expectativa de intervenção social. Em grande medida, o presente anseio estava acompanhado de uma intenção de normatização social, utilizando a escrita como instrumento da referida prática. Analisando as referidas produções como reflexo de um tempo e espaço determinado, no sentido de entender como ficção e real se aproximam e ajudam a construir uma dada realidade, Lima (2006) abre possibilidade para percebermos como o próprio conteúdo daquilo que era publicado no espaço folhetinesco nos ajuda a compreender os debates que se elaboravam entre o final do século XIX e início do século XX.

Podemos vislumbrar o presente aspecto por meio do folhetim *Apontamentos para uma nova ciência*, publicado no periódico, *Oitenta e Nove*¹² (Teresina. 1874: 01-02.). Por meio dele é possível perceber que discussões de cunho filosófico também encontravam no espaço meio de visibilidade. A produção é construída no sentido de evidenciar a importância dos aspectos racionalistas em prol das crenças, alusões a Newton, Kepler, no texto, reforçam a defesa de uma visão de mundo por meio de um viés científico e filosófico. Nesse sentido, Deus é significado como um ente metódico, as leis do universo devem ser entendidas por leis mecânicas, fato que, segundo os autores, ainda não tinha sido possível, pois ainda não tinha encontrado um pensador para tal. Queiroz destaca que os posicionamentos de cunho materialista-científico enunciavam a morte da metafísica, idealismo, subjetivação *da poesia e a religião* (2011: 219). Entravam

12. Periódico político de propriedade e redação de Davi Moreira Caldas, alinhado ao republicanismo.

em jogo os embates entre a construção social de um mundo significado como produto histórico e cultural *versus* uma perspectiva marcada pela ideia da regulação do mundo como produto de leis preestabelecidas. Nesse sentido, o prólogo do folhetim em análise configura uma possibilidade de percebermos como as novas ideias adentram em nossa sociedade por meio da imprensa e, particularmente, da literatura folhetinescas como espaço de visibilidade e composição.

O mundo moral teve em Levater o seu Deguerre, em Mesmer o seu Newton e talvez o seu Morse; mas não encontrou ainda um Keppler que lhe estudasse profundamente as diversas leis mecânicas que presidem também a admirável ordem universal...

Por leis << leis mecânicas >> do mundo moral devemos entender esse interessante cruzamento de fastos, vulgarmente chamado – COINCIDÊNCIAS. O acaso seria incapaz de formar uma longa e bela cadeia de fenômenos; quer no mundo físico, quer no mundo moral. O acaso, si acertasse duas ou três disparataria afinal, numas centenas de vezes, e assim faria o universo retrogradar até o caos, frequentemente mostrando-se inconsequente comigo mesmo. Haveria necessariamente confusão de elementos, e falta quase absoluta de conexão nas ideias.

Deus, porém, é absolutamente metódico: são assaz surpreendentes as consequências de sua lógica infinita! (*Oitenta e Nove*. Teresina. 1874: 01).

O exercício de se analisar as representações folhetinescas nos periódicos teresinenses não se dá apenas por meio de uma análise de conteúdo. É necessário também lançar um olhar do ponto de vista estrutural do suporte. Cristalizado como rés do chão, o folhetim se territorializa no espaço tipográfico do jornal no rodapé. Geralmente, apresentava-se nas duas primeiras páginas dos jornais, divididas em quatro colunas separando seu conteúdo. Todos os folhetins encontrados no final do século XIX, nesta pesquisa, evidenciam a presente disposição. No periódico *A Pátria*, de 1903, o folhetim *As Aventuras do Nilimo Abencerrage*, encontra-se de modo diverso ao do século anterior, presente em forma de coluna e na terceira página do jornal. Essa reconfiguração do folhetim sugere que a imprensa passava por um processo de reestruturação do ponto de vista da estrutural. A literatura folhetinesca perde espaço para áreas como a política e a propaganda. De Luca (2016) ressalta que a imprensa, a partir dos primeiros anos do século XX, passa por um processo de profissionalização com a proletarização do literato, trazendo como consequência o surgimento da figura do jornalista.

Ainda sobre as mudanças na estrutura dos folhetins, a série denominada *Bloco*, publicada no jornal *O Artista*, de 1902, nos chamou atenção pela forma como se apresentava no jornal e pela aproximação com as características folhetinescas. A série apresenta-se no jornal a partir da metade da coluna percorrendo o rodapé do jornal dividido em colunas. A ficção fatiada por meio da série, totalizando cinco, abre possibilidade para pensarmos sobre as mutações que o suporte passa a sofrer.

Considerações finais

Reiteramos, portanto, a partir da presente produção, o quanto é necessário desconstruir

uma leitura monolítica sobre as produções folhetinescas, apontado somente para o viés do romance-folhetim. Ao definir o folhetim como “uma coisa ligeira, vaporosa e saltitante”, o autor de *Nota a Esmo* evidencia o caráter dinâmico da referida modalidade ficcional.

A partir das análises acima, percebemos que a territorialidade do suporte é demarcada por sua multiplicidade, onde a crônica, a poesia e a crítica também ajudam a constituí-la. Esse caráter poliédrico, tomando de empréstimo o termo cunhado por Marlyse Meyer (1996), no que tange à produção folhetinesca nos periódicos teresinenses, é marcado pela imprecisão, o que nos levou a ter certo cuidado quando as fontes nos levavam, por vezes, a armadilhas, como a de direcioná-la apenas para um sentido, como a de significá-las como um espaço essencialmente feminino.

Analisar as representações dos folhetins é também perceber como o próprio termo é significado e ao mesmo tempo como dá significado ao objeto. Perceber como as leituras sobre a experiência histórica de uma época podem ser manifestadas através dos folhetins, remete-nos a problematizar um período em que a imprensa se constituía como principal instrumento de visibilidade e de relações de poder. Assim, mesmo sendo “ligeiros, vaporosos e saltitantes”, é fulcral destacar que os folhetins teresinenses expressam visões sobre dimensões sociais, políticas e culturais da temporalidade e da espacialidade nas quais se inseriam e sobre as quais inferiam.

Referências

Fontes

ABREU, Anísio. Mimoso. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 289, p.02.

CASTELO BRANCO, Camilo Castelo. Vintes horas de Liteira. *O Piauí*, Teresina, 11 fev. 1871.

CASTELO BRANCO, H. de. Fim do Mez. *O Telephone*. Teresina. 1888. n. 262, p.01.

CASTOR E POLUX. Atravez do Mez Mariano. *A Imprensa*. Teresina .1885. n. 917 / 918, p. 01.

CETENHEIDE. Notas à Parte. *O Semanário*. Teresina. Dez. 1884. .339. ano 01, p. 01.

CORDEIRO, Pacífico. Cousas e Lousas. *A Imprensa*. Teresina. 1885. n. 875, p. 01.

CUNHA, Higino. Luciano Irerê. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 283, p.01.

FOLHETIM. Apontamento para uma nova ciência. *Oitenta e Nove*. Teresina. 21 de Nov / 1874, p. 1-2.

FOLHETIM. *A Pátria*, Teresina, n. 4, 11 fev. 1871, p. 4.

FOLHETIM. Viagem à colônia de São Pedro. *A Opinião Conservadora*, Teresina. 11 de setembro de 1874. n. 41, p.01

FOLHETIM. Notas à Esmo. *A Imprensa*. Teresina. 1885. n.190.p.02.

FOLHETIIM. O Engole Espada. *Latiquara*. 1889, n. 1. p. 02.

FOLHETIM DO LIGA E PROGRESSO, Revista da Semana. *A Liga e Progresso*. Teresina, 22 de outubro de 1862, ano 01, n.2. p. 1.

Leilão do Cruzeiro do Sul, Periódico *Oitenta e Nove*, 1874, Ed 31, p. 3.

MIRANDA, Carlota (Tradução). *As Aventuras do Nilimo Abencerrage*. Pátria. 1903, n. 27.

Noticiário: O Paiz. *A Época*, 1884, n. 314, p. 3

O Banquete do Martins. *Época*. 18 de setembro de 1880. num, 126. Ano II.

SÁ, Leônidas de. Mimoso. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 293, p. 01.

Z. Vozes do Povo. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 329, p. 02.

Bibliografía

ASSIS, Machado de. *Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Peguin Clássicos; Companhia das Letras, 2013.

AVELINO, Jarbas Gomes Machado. *As Escritas dos Bacharéis: a ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana*. 2010. (Dissertação- Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. UFPI. Teresina. 2010.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. *A Vida ao rés-do-chão*. IN: CÂNDIDO, Antônio (org.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1992, p. 13-22.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais a condição feminina na primeira república*. Teresina: Bagaço, 2005.

CHAVES, Monsenhor. *Obras Completas*. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.

_____. “Escutar os Mortos com os Olhos”. *Estudos Avançados*. São Paulo.v.24, n.69.p. 7-30.jan/2010.

COSTA. Emília Viotti de. *Da Monarquia à República*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

DUMASY-QUEFFELÈC, Lise. Le Feuilleton. In: KALIFA.D.; RÉGNIER, P.; THÉRENTY, M. VAILLANT, A. (orgs.). *La Civilisation du journal: une histoire de la presse française au XIX siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011, p. 925-936.

DE LUCCA, Tânia Regina e MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. [Livro Eletrônico].

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa em Tempos de Império*. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA;

- Tania Regina de. (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p 45-82.
- MAGALHÕES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: Horizontes de leitura & Crítica Literária*. Teresina: EDUFPI; Academia Piauiense de Letras, 2016.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MOREL, Marco. Os Primeiros Passos da Palavra Impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 23-44.
- NADAF, Yasmim Jamil. *Rodapé das Miscelâneas: folhetins nos jornais mato-grossenses: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2002.
- PESAVENTO, Sandra. *História & História Cultural*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, Coleção História & Reflexões, 3. ed.2012. s.n.
- _____. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. n. 29, 1995.p 09-27.
- PINHEIRO, Celso. *História da Imprensa Piauiense*. Teresina: Zodíaco, 1997.
- QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.
- RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa Piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chave, 2001.
- RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As Máscaras de Lélío*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.
- SERRA, Tânia Rabelo Costa. *Antologia do romance-folhetim: 1839 a 1870*. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.
- TRIZOTTI, Patrícia Trindade. *Ao pé da página: o espaço tipográfico na imprensa paulistana (1851-1946)*. 2016. (Tese - Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. UNESP. Assis -SP: 2016.
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil: 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

Submetido em 30/09/2020
Aprovado em 27/10/2020